



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de lançamento do Projeto BH Digital**

Belo Horizonte-MG, 21 de outubro de 2009

Bem, primeiro, companheiros e companheiras de Belo Horizonte, de Minas Gerais, dizer para vocês da alegria e da satisfação de retornar a esta extraordinária cidade.

Eu não sei se as obras do governo federal com a Prefeitura não estão ficando prontas, Márcio, mas no tempo do Pimentel eu vim inaugurar muitas obras e já faz... Esses dias, Márcio, eu pedi para o César Alvarez fazer o levantamento das obras que nós estamos [fazendo] em parceria com o governo federal [estadual], para a gente não perder o pé em Belo Horizonte, porque senão a gente vai muito ao Rio, muito a Pernambuco, muito a Salvador, muito a São Paulo, e não podemos deixar Belo Horizonte para trás. Então, é preciso fazer essa afinação de viola.

Eu queria começar cumprimentando o nosso querido Prefeito, gostaria de cumprimentar o nosso querido Márcio Lacerda.

O nosso querido ex-prefeito Pimentel.

Cumprimentar o ex-prefeito antes do ministro Patrus. Não tem nenhum outro ex-prefeito aqui não, não é? Então, chega.

Quero cumprimentar a minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil.

O Dulci, que vocês conhecem.

O Marcio Fortes, das Cidades.

O nosso querido companheiro Hélio Costa.

O Fernando Haddad, da Educação.

O companheiro Walfrido, ex-ministro do Turismo e também da Coordenação Política.



Os deputados Carlos Willian, Elismar Prado, Miguel Corrêa, Virgílio Guimarães.

Quero cumprimentar a nossa querida companheira Maria Fernanda Ramos Coelho, presidenta da Caixa Econômica Federal, que está feliz porque me parece que acabou a greve da Caixa Econômica Federal. Os trabalhadores estão felizes porque receberam grande parte daquilo que queriam, e ela está feliz porque conseguiu atender grande parte daquilo que os companheiros desejavam.

Quero cumprimentar a nossa querida vereadora Luzia Maria Ferreira, presidenta da Câmara Municipal de Belo Horizonte, por intermédio de quem eu quero cumprimentar todos os companheiros vereadores, que estão aqui presentes,

Mas também cumprimentar os empresários, Carlos Eduardo Dan Alves, da construtora Tenda,

O Ricardo Valadares Gontijo, da Construtora Direcional,

O Rafael Rocha Lafetá, da Construtora Asa Incorporadora,

E Paulo de Moura Ramos, diretor-presidente da Prodabel,

Alisson Sander Alves, representante dos beneficiários, esse menino simpático que falou aqui agora, de camisa vermelha, sentado ali atrás.

E cumprimentar os companheiros deputados estaduais,

Cumprimentar a imprensa e dizer para vocês...

Ah, e cumprimentar os prefeitos que estão aqui. Onde é que estão os prefeitos aqui? Aqui. Desculpa aí. Você sabe que quando a gente está sem assunto para falar, a gente fala muito na nominata, porque ela ajuda bastante.

Mas, na verdade, eu tinha dito no avião que este era um ato em que eu não precisaria falar porque nós íamos ter os companheiros ministros Marcio e Dilma falando do programa Minha Casa, Minha Vida, a assinatura do contrato, e íamos ter o companheiro Hélio Costa falando da Cidade Digital. Então, eu não precisaria falar porque amanhã, de manhã, nós vamos dar uma entrevista



para uma rádio aqui, acho que a Rádio Globo, se não me falha a memória, aqui de... Vamos dar lá, acho que lá em Uberlândia. Depois nós vamos inaugurar uns trevos lá da BR não sei das quantas, lá em Uberlândia.

Depois, quem vai a Uberlândia não pode deixar de ir a Uberaba, porque vai ter problema. Vou ter que ir a Uberaba, nós vamos lançar a pedra fundamental do campus da Universidade Federal de Uberaba, que vai ser a Universidade do Triângulo Mineiro.

Antes, nós vamos a Governador Valadares inaugurar uma hidrelétrica. E, às sete horas da noite, se estivermos todos vivos, voltamos para Brasília. Só os ministros mineiros que, certamente, ficarão aqui, em Minas Gerais... Mas trabalhar aqui também, não é, Patrus? Não é para descansar.

Bem, mas eu vou dizer umas poucas palavras para vocês. Aproveitar e ver se a televisão, que está antes das 8 aí, se a televisão coloca tudo o que nós estamos fazendo aqui no jornal, porque o que é mais triste é quando a gente fala, fala, fala e não sai nada. Ou quando a gente fala, fala, fala, fala e quando sai, sai contra aquilo que a gente falou. Mas, eu aprendi, eu aprendi que água mole em pedra dura, tanto bate até que fura. E haverá, haverá um dia em que todos os problemas estarão resolvidos e nós iremos ver o noticiário das coisas que nós fazemos.

É verdade, os ministros se queixam às vezes, os ministros viajam pelo Brasil afora, e nunca viajaram tanto quanto viajam hoje. E não viajam porque... não é para fazer turismo não, viajam porque tem trabalho, tem obra, tem realização. Antigamente não tinha, então não precisava viajar, ficava todo mundo lá em Brasília olhando o tempo passar.

Eu acho que nós estamos vivendo um momento especial no Brasil. É um momento muito especial. É como se fôssemos uma família que tivéssemos encontrado harmonia, como se estivessem trabalhando o pai, a mãe; todos os filhos em idade de trabalhar estivessem trabalhando e levando o salário para casa. Todos que têm direito a estudar estivessem estudando.



Eu acho que o Brasil está entrando nessa fase. É certo que ainda falta muito para a gente conquistar essa perfeição de harmonia, de crescimento econômico, de distribuição de renda que nós precisamos. Porque você também não consegue consertar 500 anos de desmazelo em 10 anos, 15 anos ou 8 anos. Você não consegue consertar. Esse é um processo que nós estamos fazendo, que mudou e está mudando o paradigma da governança brasileira.

O Marcio sabe, como o Pimentel soube, que você começar a administrar uma cidade, um estado ou um país que o padrão de administração tenha sido elevado, de bom nível, é muito mais difícil, porque é um esforço imenso para fazer melhor, porque se fizer pior, logo será percebido pelo povo.

E nós estamos elevando o patamar, estamos criando um outro paradigma de governança no Brasil, que quem vier depois vai ter que fazer um esforço incomensurável para fazer mais e para fazer melhor, porque senão será logo percebido pelo povo que alguma coisa não anda bem no nosso país.

E a coisa mais elementar que nós fizemos, que não tem nenhum milagre, é apenas uma decisão política, uma determinação do governo, é criar as condições para que o povo mais humilde do País fosse reconhecido além do eleitor do dia da eleição, que ele fosse tratado como cidadão durante 365 dias por ano.

Daí porque eu não tenho nenhuma preocupação em dizer que ainda não fizemos tudo, mas antes de nós ninguém nunca tinha feito a quantidade de políticas sociais que nós estamos fazendo neste país, nunca.

Eu sei que nós ainda temos uma dívida enorme, que possivelmente tenhamos que ter mais 10, mais 15, ou mais 20 anos de governos comprometidos com a sociedade como um todo, para que a gente possa concluir uma tarefa de elevar os pobres para um padrão de classe média e levar a classe média para um padrão de classe média melhor do que é hoje. É possível. E isso é possível com crescimento econômico, só? Não. Só o crescimento econômico não resolve isso. Isso só vai acontecer se houver uma



combinação entre crescimento econômico e distribuição de renda, crescimento econômico e educação, crescimento econômico e investimento em ciência e tecnologia, crescimento econômico e melhoria da qualidade de saúde, da qualidade de moradia, acesso às pessoas à era digital. Ou seja, se não acontecer um conjunto de obras, todas elas concomitantemente, a gente vai ter as mesmas deficiências que nós tivemos no passado. Em momentos em que a economia do Brasil cresceu muito, mas quando ela parou de crescer o resultado é que tinha crescido a pobreza, porque alguns poucos ficaram muito ricos e alguns muitos ficaram muito pobres.

Nós, então, queremos criar um outro paradigma para o nosso país. E a primeira coisa que nós decidimos foi cuidar dos mais pobres. Aí não tem milagre. A minha universidade, aquela que eu cursei, foi o aprendizado que qualquer mãe tem. Uma mãe que tem dois, três, quatro, cinco filhos. Quem tem um só não consegue perceber, porque só tem um problema, quem tem cinco, tem cinco problemas. Ou seja, no caso, eu tenho cinco. Ou seja, uma mãe, ela está sempre preocupada com o lado mais frágil da família. Ela pode ter um filho que seja mais malandro, mas se ela perceber que aquele mais malandro é o mais largado, sabe, ela vai tentar cuidar mais daquele. Se ela tiver um que está com problema de doença, ela vai cuidar mais daquele. É sempre do mais frágil que uma mãe cuida e, muitas vezes, o mais forte, o mais bonito, o mais alto, o que ganha o maior salário fica achando que a mãe está perseguindo ele. Não. É o instinto materno de cuidar sempre de quem necessita mais.

E o papel do Estado, e o papel do Estado não é outro se não, como regulador e como indutor do desenvolvimento, criar as condições para que as pessoas mais pobres subam os degraus para conquistar o seu espaço na sociedade brasileira.

É por isso que nós estamos aqui, hoje, anunciando o programa Minha Casa, Minha Vida. É por isso que nós estamos aqui hoje lançando o programa Cidade Digital.



Mais ou menos em 2004, o Dulci participou dessa discussão, pela Secretária da Presidência da República. Nós chegamos à conclusão que era preciso criar um programa “Computador para Todos”. Porque, até então, computador era uma coisa apenas da parte mais sofisticada da sociedade. E quando eu falo a parte mais sofisticada, eu gostaria de quem é da classe média não pensasse que eu sou contra ele ser da classe média. Na verdade, o que eu quero é que os outros cheguem ao ponto que vocês estão, porque vocês vão chegar um pouco mais para cima e a gente vai transformando a sociedade mais justamente igualitária. Até porque quem é empresário sabe que quanto mais consumidores o Brasil tiver mais a sua empresa vai crescer.

A gente não pode ter, sabe, um país de 30 milhões de habitantes que tem padrão de classe média europeia e, ao mesmo tempo, uma outra parte do país que tem um padrão de terceiro mundo. Não! Se a gente elevar, a gente vai perceber o que aconteceu agora. Por que nós elevamos 20 milhões de brasileiros para a classe média? Porque nós tivemos um conjunto de políticas que permitiu que a parte que era pobre ou muito pobre subisse um degrau. É o suficiente? Não! Ela vai ter que subir mais um degrau, mais dois degraus, mais três degraus. Vocês estão lembrados que quando nós criamos o programa Bolsa Família, alguns diziam, da esquerda e da direita, que era assistencialismo. Alguns diziam: “É esmola, é esmola”.

Ora, eu lembro de um dia que eu morava na Vila Carioca, na Vila Carioca... não sei se aqui alguém conhece São Paulo. Eu morava na frente de um grande armazém do IBC, naquele tempo em que tinha o IBC. E minha mãe... tinha passado o gás, e ela não tinha o dinheiro para comprar o gás. E ela tinha uma moeda, uma única moeda, e mandou eu ir ao Museu do Ipiranga, era mais ou menos ali perto do Museu do Ipiranga, pegar cinco cruzeiros com um tio meu para ela poder comprar o gás, e esse meu tio daria a moeda de volta. E aí eu fiquei areado. Nordeste, quando se perde, diz que areou, a gente desce.. É, um, um... alguém que vem do interior desce aqui em Belo



Horizonte, e depois de dar meia volta, ele não sabe onde está. Então, no Nordeste a gente fala: “areou”. Então, eu fiquei areado, e eu fui à janela do ônibus para saber a rua que eu tinha que descer para ir à casa do meu tio. Não consegui saber, fui até à Praça da Sé, em São Paulo, até à Praça Joel Mendes, dentro do ônibus. Eu tinha mais ou menos 10 anos de idade. E aí eu comecei a ficar agoniado. Primeiro, porque eu não ia trazer o dinheiro para a minha mãe, eram só cinco cruzeiros. Segundo, porque eu não tinha moeda para voltar, e eu fiquei imaginando o que o cobrador ia fazer comigo. E desce todo mundo do ônibus e o cobrador me olha...

Eu estou rindo agora, mas naquele tempo eu comecei a chorar. Eu não sei o que... se ele me largasse lá eu estava perdido, vocês hoje não me teriam como Presidente, mas sabendo que eu teria ficado. Ou seja, eu comecei a chorar e contei a história para o cobrador. Ele falou: “Não, fica aí quietinho, que nós vamos te levar de volta”. Não, mas aí eu não parei de chorar porque a minha preocupação era como é que a minha mãe ia receber a notícia que eu gastei a moeda que ela me deu e não levei os cinco reais de volta. Reais não; cruzeiros ou cruzados, não sei; cruzeiros...

Bem, aí cheguei em casa, minha mãe pensando que ia ter o dinheiro para comprar o gás, e eu falei: ó, mãe, eu me perdi. Eu me dei conta do que valem cinco cruzeiros para quem não tem nada e o que valem cinco cruzeiros para quem tem um milhão. Então, quando as pessoas dizem: “O Bolsa Família é esmola”, para quem pode chegar em um restaurante chique em Belo Horizonte e tomar uísque com seus companheiros e dar R\$ 100 de gorjeta, realmente o Bolsa Família não é nada. Mas para uma mãe que tem três ou quatro filhos ou um filho, ela receber R\$ 100, sobretudo, na parte mais pobre deste país, ela consegue colocar comida para a molecada comer o mês inteiro. Essas coisas são uma espécie de vacina contra a piora. O que nós precisamos é ir construindo várias vacinas contra várias coisas.



Quando eu cheguei ao governo, o salário-mínimo estava US\$ 80. A grande reivindicação da oposição era elevar o salário-mínimo a US\$ 100. E do lado econômico, as pessoas diziam: “Ah, se aumentar o salário-mínimo, vai ter inflação, vai quebrar a Previdência.” Hoje, o salário-mínimo está a US\$ 250 e não há inflação, não quebrou a Previdência, e o povo está comendo melhor e vivendo melhor.

Quando nós decidimos fazer o programa Luz para Todos, eu acho que o Marcio ainda estava no governo federal. Quando nós decidimos fazer o programa Luz para Todos, a Dilma me trouxe uns dados do IBGE, em que nós tínhamos mais ou menos 10 milhões de pessoas, o equivalente a 12 milhões de famílias que não tinham Luz para Todos. Eu falei: vamos fazer um programa Luz para Todos. E prepararam, a Dilma era ministra de Minas e Energia, preparou o programa Luz para Todos. Hoje, nós já atingimos por volta de 10,5 milhões de pessoas. Quando a gente fala Luz para Todos, quem nasceu aqui em Belo Horizonte, já em um apartamento, que só sente o que é a falta de luz quando apaga a luz na época da novela, e por 30 segundos ela desanca o mundo, não tem noção do que é uma pessoa que vive à base do candeeiro, no interior deste país. Não tem noção [do que é] uma criança estudar com um candeeiro, com um pavio fedendo a querosene, enfumaçando a cara dela, e ela não consegue enxergar nem as letras.

Bem, nós atingimos já, agora, Dilma, 2 milhões e 116 mil casas. Significa famílias, significa mais de 10,5 milhões de pessoas já beneficiadas pelo programa Luz para Todos. Mas o que é importante é que a luz é apenas o primeiro passo, a luz é apenas o primeiro passo. Quando chega a luz na casa da pessoa, logo em seguida chega a geladeira, logo em seguida chega a televisão, logo em seguida chega o aparelho de som, logo em seguida chega uma casa de farinha, logo em seguida chega um liquidificador. Ou seja, é uma coisa tão extraordinária, é como disse a Dilma. Eu fui à Bahia, inaugurar o primeiro programa, cheguei lá às sete horas da noite, escuro, no interior da



Bahia, e tinha duas mães solteiras com seis crianças sentadas em uma cadeirinha, em volta de uma lata de refrigerante – que eu não vou dizer o nome – com um pavio queimando. Aí eu cheguei, chamei as duas mulheres, coloquei o dedo das duas na tomada e apertei a tomada. Elas saíram do século XVIII para o século XXI, como se tivessem entrado na máquina do tempo. Ou seja, é um milagre na vida das pessoas.

Bem, a inclusão digital é exatamente isso. Eu falo muito à vontade porque eu sou analfabeto digital. Na minha geração, muita gente é analfabeto digital. Mas eu vejo os meus filhos, em casa, todo mês querem trocar de computador, porque todo mês aparece um mais moderno, aparece um mais veloz, aparece um não sei das quantas... é preciso dizer para as fábricas, Hélio, para fazer um só e parar, porque ninguém aguenta essa renovação. Pois bem, qual é a minha disposição? É que nós precisamos fazer a inclusão digital, garantindo que todo brasileiro, independentemente da origem social. Seja ele dono de um bilhão ou dono de um tostão, ele tenha possibilidade de ter acesso à inclusão digital, com computador, banda larga, para ele poder descobrir oportunidades.

Eu tinha preconceito até ir a Pirai. Eu achava que o computador iria permitir que as pessoas não conversassem entre si, ficasse cada um ali, viajando, cada um mandando *twitter*, cada um mandando não sei das quantas. Eu falei: isso vai criar uma sociedade de pessoas que vão desaprender a falar, vão só ficar no computador. Mentira. Eu fui a Pirai, que foi a primeira cidade a ser totalmente, totalmente, as escolas totalmente digitais, e eu percebi que as crianças não só estudam mais, pesquisam mais, e a evasão escolar, ou seja, a desistência da escola, que era de 26%, caiu para menos de 1%, e agora as crianças querem ir para a escola no domingo, as crianças querem ir para a escola no domingo. E os mais experimentados levam o computador para casa e guardam melhor do que guardam qualquer coisa, não tem um arranhão no computador.



Ora, então por que a gente não vai trabalhar para dar uma chance para que um cidadão que trabalha em um escritório do 15º andar em Belo Horizonte possa ter, no Rio de Janeiro possa ter, e em São Paulo. Mais o companheiro que mora no interior de Minas Gerais possa ter e o companheiro que mora nesses morros de Minas Gerais possa ter acesso a computador. Até porque quanto mais acesso ele tiver à inclusão digital, menos possibilidade ele vai ter de ficar na rua, pensando em fazer o mal. Quem sabe, através da inclusão digital, ele vai descobrir a sua aptidão, quem sabe ele vai descobrir um nicho de oportunidade para ele fazer alguma coisa e, quem sabe, ele vai entrar no caminho que toda família quer que os filhos entrem, de serem pessoas honestas, decentes, trabalhadoras, e constituindo a sua família.

Por isso, meu querido Hélio Costa, Belo Horizonte é a primeira capital a receber esse programa, é a primeira capital. Eu espero, Hélio, que a gente possa, a partir de Belo Horizonte, levar essa ideia para outras capitais, porque quando a gente fala nas capitais, quanto maior for a capital mais gente nós temos excluída, maior é a exclusão digital, porque a periferia das cidades cresceu muito e os pobres vão sendo cada vez mais escoraçados para longe do asfalto. Agora é que nós estamos levando asfalto para os pobres.

Aliás, do helicóptero, eu vi aquelas casas que vamos inaugurar, hoje eu vi, lá em cima, no morro. Quando nós lançamos o programa Minha Casa, Minha Vida, os empresários estão aqui e eu vou contar essa história para vocês. Eu cheguei para a Dilma Rousseff e falei: Ô Dilma, eu estou a fim de apresentar um plano habitacional, eu queria que você conversasse com o Ministério da Fazenda, com alguns empresários, quantas casas é possível fazer? E ela chamou a Abdib, a Cbic – Câmara Brasileira da Indústria da Construção Civil [Câmara Brasileira da Indústria da Construção]. Eles falaram: “Olha, Ministra, nós podemos fazer 200 mil casas”. Eu falei: 200 mil casas não é um programa, não é um grande programa. Aí, ela foi conversar, o ministro



Guido falou: “500, 500 mil casas”. Ela veio e falou: “O Guido acha que dá para fazer 500”.

Eu falei: Ô Dilma, vamos fazer o seguinte: vamos fazer 1 milhão de casas, vamos propor fazer 1 milhão de casas, sabe por quê? Porque seria [um desafio para] o empresário; seria um desafio para nós do governo criar as condições para fazer 1 milhão de casas; seria um desafio para a Caixa Econômica Federal preparar tudo para fazer 1 milhão de casas; seria um desafio para os prefeitos brasileiros cadastrarem as pessoas que precisam de casa; seria um desafio para os governadores dos estados e seria um desafio para o empresariado brasileiro, um desafio. Porque eu aprendi que quem pensa pequeno é pequeno, quem pensa grande se torna grande e este País, e este País tem que olhar sempre o seu tamanho e tem que olhar sempre as suas necessidades para a gente pensar do tamanho do País e para a gente pensar do tamanho das necessidades para a gente fazer as coisas.

Foi assim que nós ganhamos as Olimpíadas. Vamos ser francos, vamos ser francos, quem é que acreditava que a gente pudesse ganhar as Olimpíadas? Muita gente não acreditava. Arnaldo, no dia em que eu viajei para Copenhague eu vi alguns programas de televisão, eu ouvi alguns comentários de gente duvidando: “O Brasil não está preparado, o Brasil não tem condições, o Brasil tem que... o Brasil tem que investir em educação, em segurança. Porque no Brasil, Arnaldo, tem um tipo de gente tão pessimista e tão azeda, que é aquele cara que vai deitar, ele tira o sapato e dorme. De manhã, ele acorda dizendo: “desgraça, será que esse sapato não está apertado para mim?” É o mesmo sapato que ele tirou! Mas ele é tão pessimista e tão azedo, que se ele suar e beber, é pior do que limão galego. Ou seja, são aquelas pessoas que pensam para baixo.

E nós acreditávamos e apostamos muitas fichas naquilo. Então, quando o Obama chegou lá, eu vi as manchetes dos jornais. “O Obama foi lá por quê? Porque ele tem certeza de que vai ganhar.” E chegou o Obama, chegou o



Japão, chegou a Espanha, com rei e tudo. E nós, só plebeus, mas com uma força de vontade e com uma esperança! Depois que o Brasil fez a apresentação dele, e nós tínhamos visto as outras, eu fiquei convencido de que era humanamente impossível o Brasil não ganhar aquela Olimpíada. Foi a maior votação de um país nas Olimpíadas. É importante lembrar que a Inglaterra ganhou da França por dois votos, é importante lembrar que a China ganhou por dois votos, e é importante lembrar que o Brasil ganhou por 40 votos de diferença.

Ora, eu sei que o Brasil tem que investir em educação, e estamos investindo. Quem é que investiu mais em universidade do que nós? Quem é que investiu mais em escolas técnicas do que nós? Qual é o governo que está disposto a fazer 1.500 creches, como nós estamos fazendo, até 2010? Quem é que criou o ProUni? Quem é que está fazendo o Reuni? Então, nós estamos investindo. Estamos investindo em segurança.

Ora, mas a Olimpíada é uma oportunidade extraordinária, é uma oportunidade para os empresários, é uma oportunidade para o País, é uma oportunidade para os trabalhadores, é uma oportunidade de motivação de jovens brasileiros a virarem atletas, a ganharem medalhas, a praticarem esportes. É uma coisa... Além do que, o País vai ficar quatro anos na mídia internacional. E não é apenas para o Rio de Janeiro, não. O turista que vier para cá, ele vai ficar no Rio, mas ele vai querer conhecer Belo Horizonte, Ouro Preto, vai querer conhecer Pernambuco, Porto Alegre, porque o cara vai aproveitar a passagem dele e vai se espriar pelo Brasil.

Então, é porque eu nunca ganhei nada de graça. Tudo, tudo tem que ter desafio para a gente enfrentar. Eu sou um homem tocado a desafios, eu sou um homem tocado a desafios. E eu sou um homem que tenho consciência de que qualquer outro presidente da República, se não fizesse nada, ninguém cobrava, porque são tudo da mesma laia. Agora, quando chega um metalúrgico na Presidência da República, se ele não dá certo, colocam uma cangalha no



pescoço dele e a classe trabalhadora nunca mais iria eleger um presidente da República.

E agora desgraçou tudo, porque agora os homens estão ficando nervosos porque nós estamos inaugurando obras. É a primeira vez na vida que eu vejo alguém ficar nervoso porque a gente inaugura obra. Eu, quando fazia oposição, ficava nervoso porque não tinha obra, não tinha escola, não tinha estrada, não tinha ponte, não tinha nada. O Estado não existia. Agora, que nós começamos a visitar para inaugurar obras, estão ficando nervosos. Eu só peço calma, calma, que nós ainda nem começamos a inaugurar o que nós temos que inaugurar neste país. Tem muita coisa para acontecer e tem muita coisa que nós vamos fazer ainda, para a frente.

Aguardem, aguardem, porque nós aprendemos a fazer as coisas neste país, e este país nunca mais voltará a ser o país pensado da forma pequena que eles pensavam este país. Este país nunca mais será tratado como um país de Terceiro Mundo, nunca mais. Este país é grande.

E, humildemente, eu aprendi, meu caro Patrus, no movimento sindical, na primeira reunião que eu fui, na minha vida, com empresários, colocaram uma cadeira mais alta para os empresários e uma mais baixa para mim. Ou seja, quando você está em uma posição abaixo, você começa a negociar inferiorizado, ou seja, você já está perdendo o jogo. Então, eu falei: Não, vamos colocar a cadeira igual para a gente se olhar olho no olho. É assim que dois homens, que duas mulheres, que dois chefes de Estado têm que se entender.

Então, as pessoas diziam: “Mas esse Lula, ele não inglês, ele não fala espanhol, ele não fala não sei das quantas, não vai conseguir governar”. Eu confesso a vocês que eu gostaria de falar todas as línguas que tem no mundo, mas eu tenho que saber o seguinte: muito mais do que falar as línguas, eu tenho que falar é o sentimento do meu povo, é a alma desse povo que nós temos que priorizar.



E quero, quero dizer para vocês, quero dizer para vocês: há muito tempo este País não tinha o respeito, no mundo, que ele tem hoje, há muito tempo. Aliás, eu não sei se já teve, eu não sei se já teve. Apenas por uma coisa, eu sou um homem que aprendi a respeitar, não falto com o respeito a ninguém, e por dar respeito aos outros, eu exijo que me respeitem e não ando de cabeça baixa.

Por isso, por isso este País está acontecendo, nós estamos com mais autoestima, mais orgulho de ser brasileiros, mais orgulho de ser brasileiros. Antigamente, as pessoas tinham vergonha. As pessoas chegavam em New York: “De onde você é?” “Acho que eu sou lá de Buenos Aires.” Não, agora não, agora falam: “Eu sou brasileira com muito orgulho e não desisto nunca, e vamos fazer muito mais”.

Por isso, companheiros, parabéns a todos vocês. Hélio Costa, parabéns pelo Programa Cidade Digital. Como Belo Horizonte é uma das primeiras cidades planejadas deste País, é justo que ela seja a primeira cidade, a primeira capital digital deste País. Mas não esqueça da minha Garanhuns, da minha Caetés, do meu Pernambuco, da minha Bahia, do meu Maranhão, do meu São Paulo, porque todos precisam ser tratados em igualdade de condições.

Um abraço. Parabéns a Belo Horizonte e a Minas Gerais.

(\$211A)